Acervo ISA

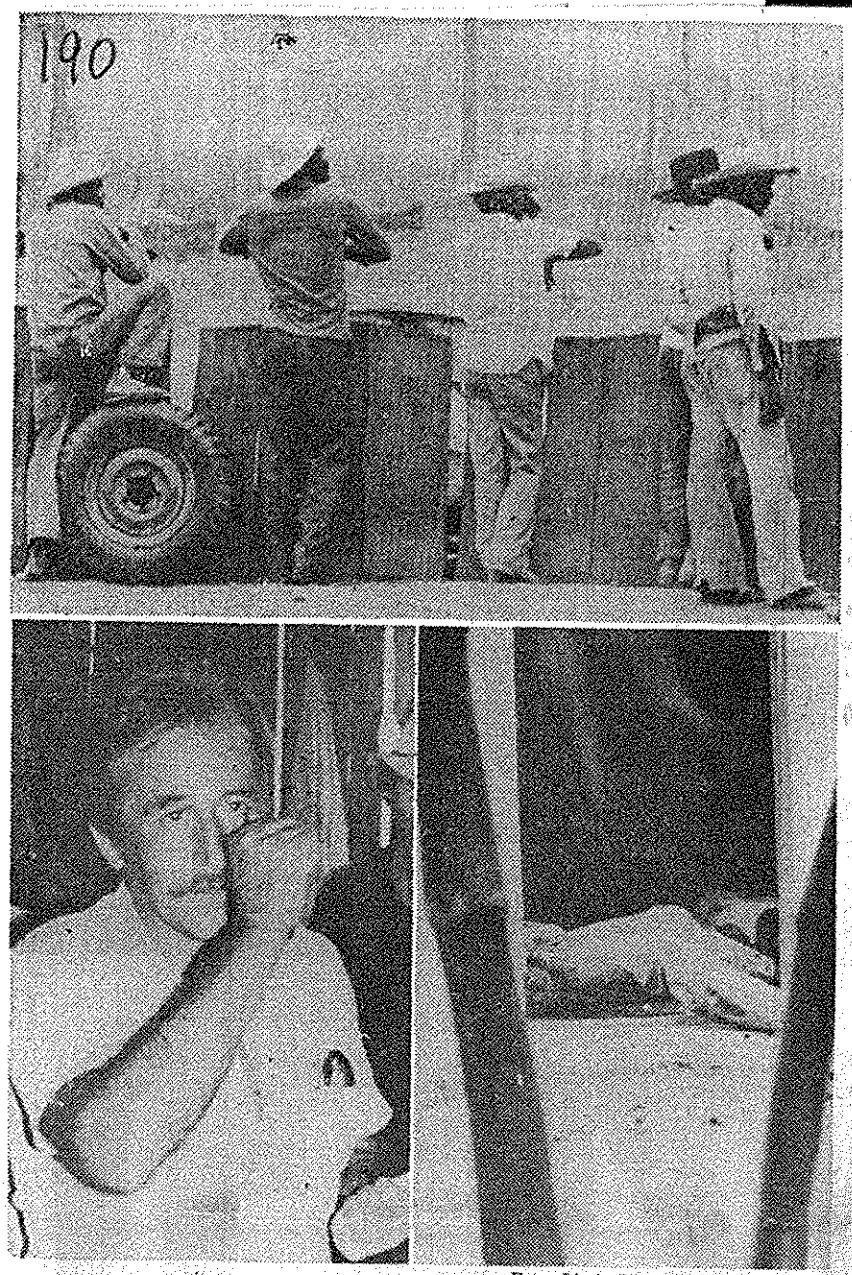
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo **Class.:**

Data: 05.09.80 **Pg.:**

190



Fotos Sérgio Borges — Telefotos Estado

O major Curió controla a área onde houve o massacre

Chegam a vinte as vítimas do ataque dos índios às fazendas

ELIANA LUCENA
Enviada especial

CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA — O número de pessoas mortas na fazenda Espadilha, atacada pelos índios gorotire, subiu ontem para 20, depois de realizado o trabalho de investigação na área, conduzido pela Polícia Federal e acompanhado pelo major Marco Antônio Luchini — o major **Curió** — representante do Conselho de Segurança Nacional. Os corpos de mais três empregados da fazenda vizinha "Primavera" foram encontrados a um quilômetro da sede da fazenda Espadilha. Junto aos corpos das pessoas mortas, os índios deixaram penas de arara vermelha e as bordunas utilizadas no massacre.

Somente uma moradora da fazenda atacada, Geni Ferreira Matos, conseguiu escapar, perdendo, no entanto, o marido, José Divino Alves, e as duas filhas, Aparecida, de oito anos e Helena, de seis. Na segunda-feira, Divino foi à sede da fazenda para acertar as contas com o gerente, Jones, também morto junto com a mulher, grávida, e dois filhos. O trabalhador temia um ataque dos índios que, nos últimos tempos, segundo o relato dos colonos, não pareciam muito amigáveis.

O major **Curió** confirmou a versão de que os índios só atacaram em revide à agressão que sofreram. Ele constatou que dois índios foram feridos, um no abdômen e outro na cabeça. Os índios teriam ido à fazenda apenas para advertir seus ocupantes de que estavam invadindo a reserva do Gorotire, fato contestado pelos fazendeiros que apresentaram um mapa indicando que a gleba não atinge a reserva, embora não tenha sido ainda demarcada.

VERSÃO CONTRADIZ

No entanto, pessoas que estiveram com os índios antes do ataque, garantem que eles estavam dispostos a matar. A mãe de Geni, Idelfina Ferreira, esteve com os índios antes do ataque à fazenda. Os índios sempre freqüentaram sua casa mas, na última segunda-feira, quando chegaram pintados de preto e vermelho, usando cocares de penas de arara, demonstravam uma atitude agressiva.

"Eles chegaram a levantar a borduna para o meu filho mais velho e depois quebraram nossos móveis e até minha máquina de costura, afirmou Idelfina. Levaram quase tudo, inclusive parte da criação pequena, galinhas, patos e o que não carregaram com eles, mataram a pauladas, inclusive o cachorro." Os índios ficaram na casa de Idelfina até às cinco horas da tarde e depois foram para a Espadilha. Quando voltaram do massacre, o índio José Uté disse à ela que a sua família e o seu marido Francisco Ferreira, conhecido como **Chico Bigode**, não seriam mortos, pois sempre demonstraram ser amigos dos índios. O índio disse a ela que todos na fazenda estavam mortos.

Idelfina e seu marido **Chico Bigode** viviam em Mozarlândia, em Goiás, até que foram convencidos pelo patrão, Joaquim Alves de Freitas, a se mudaram para o Pará, onde ele havia comprado a fazenda Espadilha. A família empregou todo o dinheiro que pôde (Cr$ 400 mil) na compra de 300 alqueires de terra, numa área situada a dez quilômetros da sede da fazenda Espadilha. A filha Geni e o marido, chegaram em maio ao Pará, e foram trabalhar na fazenda Espadilha, passando a viver numa casa situada a dois quilômetros da sede principal, onde ocorreu o massacre.

O **Chico Bigode** contou que, um dia antes do ataque, os índios pernoitaram em sua casa e estavam ainda mais irritados com a notícia de que muitos colonos seriam assentados na área pelo Getat — Grupo Executivo de Terras do Araguaia e Tocantins. Inclusive esta informação também chegou ao conhecimento dos fazendeiros. **Chico Bigode** esteve ontem na fazenda atacada para ajudar no trabalho de identificação dos corpos. Por pouco ele escapou de morrer. Na segunda à tarde ele esteve na sede mas, no momento do ataque, tentava ajudar uma vaca de sua propriedade que caíra numa pinguela próxima ao local. "Os índios eram muito amigos de minha família — disse ele. Tanto assim, que o índio José Uté, quando voltava do ataque, aconselhou sua mulher que saísse imediatamente da área com seus filhos. José Uté disse que fazia aquele pedido de coração, porque muita gente ainda ia morrer ali."

Foi dona Idelfina e sua filha Geni que levaram a notícia do massacre até a sede da fazenda vizinha, a "Macedônia", depois de uma caminhada noturna de dez horas pela mata. Geni soube do massacre às 19 horas. Com o marido e as duas filhas não chegavam da fazenda, ela decidiu procurá-los. Encontrou os corpos próximos à sede e saiu depressa em busca de socorro, caminhando dez quilômetros até a casa de sua mãe.

QUADRO DRAMÁTICO

Até mesmo o major **Curió** estava chocado com o quadro que encontrou na fazenda. Cinco crianças, duas mulheres grávidas, uma moça e 12 homens mortos, quase todos a golpes de borduna e tiros. Inicialmente, suspeitou-se que os índios tivessem violentado as mulheres, fato do qual não se tinha notícia em ataques anteriores de índios. Este detalhe revoltava, particularmente, os fazendeiros e peões da região, mas, o major **Curió** disse que a dúvida não poderá ser esclarecida pelo adiantado estado de putrefação dos corpos. Inexplicavelmente, somente hoje chegará à fazenda o médico legista. Só então as vítimas serão enterradas, na própria fazenda.

Durante o trabalho de investigação, chegou a ocorrer um atrito entre o fazendeiro, Juarez Tavares Macedo, dono da "Macedônia" e o antropólogo da Funai, Alceu Cotia. O antropólogo explicava ao major **Curió** que os limites da reserva do gorotire chegavam até o desmatamento feito pela fazenda, fato que irritou o fazendeiro, que protestou veementemente. Ele acabou sendo detido pelos agentes da Polícia Federal. Antes, ele e outros fazendeiros da área haviam pedido ao major "carta branca" para que fosse formada uma milícia de peões que garantiria as terras contra ataques de índios. "Nós vamos segurar os índios no posto gorotire — respondeu o major — e vocês também vão segurar os seus homens aqui. A Polícia Federal permanecerá na área até que seja regularizado o problema fundiário na região".

O representante do Conselho de Segurança acha que muitas fazendas situadas próximas ás áreas indígenas constróem suas sedes fora dos limites das reservas, mas, aos poucos, vão abrindo pastos nas terras dos índios. O major está preocupado também com a situação dos índios Xicrim, que também pertencem à mesma família caiapó dos gorotire. Ele teme um massacre na área a qualquer momento.

FAZENDEIROS REVOLTADOS

Já os fazendeiros, no caso das terras indígenas, sentem-se desamparados pelo governo. Juarez Tavares Macedo, mostrava, ontem, a certidão negativa liberada pela Funai, em 1974, para a fazenda Espadilha, atestando a inexistência de índios na área. A certidão, assinada pelo ex-presidente da Funai, general Ismarth Araújo de Oliveira, com o número 0087/74, aprova, ainda, a instalação de outras fazendas no local. "A Funai não demarca suas terras — afirmou o fazendeiro — e depois, resolve aumentar ou diminuir os limites das reservas de acordo com sua vontade. Além disso — prosseguiu —, eles querem que a gente se humilhe diante dos índios. Eles invadem as nossas fazendas, saqueiam, ganham presentes e são bem tratados, mas, isso não pode continuar assim.

Os dois proprietários da fazenda Espadilha, João Batista de Sena e Domingos Pereira Guimarães, tinham adquirido a gleba de três mil hectares há três meses.